



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

18 de Fevereiro de 2006 • Ano LXII • N.º 1616
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Recordando...

ESTÁ um dia lindo! O sol aceso ainda não desfez o frio matinal próprio do tempo, mas estimulante por causa dele, do sol a brilhar. Comecei-o por um pequeno passeio neste lugar tão acolhedor que foi o berço das Casas do Gaiato. Ao fundo a beleza da Serra da Lousã, por enquanto apenas sugerida, que a neblina não permite mais; mas logo resplandecerá à luz do meio-dia e da tarde.

Este lugar marca a *segunda estação* da *via crucis* de Pai Américo: É aqui que verdadeiramente *toma a sua cruz*. A *primeira estação* foi em Coimbra, no Dia de S. José, em 1932. O seu Bispo, aceitando o auto-juízo daquele padre que se via «não servir para mais nada senão para visitar os Pobres», manda-o tratar deles. A partir deste momento, visitá-los não será mais a tarefa da sua predileção; é a sua missão.

Este primeiro *passo* da sua *via crucis* não tem qualquer sabor a condenação, como nós dizemos do de Cristo, antes de grande alegria: — «Era o que eu queria ouvir!»

Mas também o primeiro *passo* de Jesus *condenado à morte*, é assim apresentado no código de estreitos horizontes da linguagem humana, tantas vezes incapaz de compreender e expressar o divino. Para Ele a condenação à morte pelos homens é o sinal de que chegou a «Sua Hora», aquela para que veio ao mundo e O levará, no breve decurso de algumas horas, ao Seu Triunfo: «Quando o Filho do Homem for levantado, atrairá a Si todos os homens». O sinal da Cruz é a Sua Bandeira. Foi hasteada então e em 2000 anos, apesar de tantas tentativas, ninguém foi capaz de a arrear. Portanto, para o Filho do Homem a «Sua

Hora» é de sofrimento real consumado na Sua Paixão; mas para o Filho de Deus é o princípio da glorificação que culminará no Calvário em apoteose do pleno cumprimento da Vontade do Pai — Deus apaixonado pelos homens que projectou o inimaginável para os salvar. Por isso, o Tríduo Pascal é a maior Festa do ano que deveríamos celebrar sem sombra de luto pelos sofrimentos de Jesus, antes assumindo com coragem e simplicidade a porção deles que Ele reparte pelos homens para os associar a Si na missão salvífica de que o Pai O encarregou.

Pai Américo foi desta estirpe: um homem que tomou, decidido a levá-la até ao fim, a cruz que o Senhor tinha para ele. Tomou-a ao assumir-se pai dos filhos de ninguém para os tornar filhos de algo, cónchos da sua fidalguia de filhos de Deus com todas as consequências previstas e imprevisíveis, que a paternidade autêntica comporta. Foi ele que o disse um dia, na varanda da casa-mãe de Paço de Sousa, num daqueles raros e preciosos colóquios em que fechava os olhos e deixava o coração sair-lhe pela boca: «Eu era tão feliz naqueles tempos de Coimbra, de vida caótica, entrando nos tugúrios e saindo para procurar remédio que curasse ou diminuísse dores que ali moravam... Para que me meti nisto...?» Isto era a família de multidão de filhos de que se tornara pai, da qual se tinha por estritamente devedor e não enjeitava o compromisso. Estas dores só se curam por comunhão de vida e agora a comunhão era mais íntima e permanente. Daí que em hora pesada soltasse este suspiro «era tão feliz...!», apesar de, desde sempre, ter sido a comunhão com os doridos a essência do dom de si-mesmo e os remédios que ia procurar e lhes levava, os acidentes. Quem entende estes desabafos?... Só os apaixonados!

Continua na página 3

Calvário

Entrelinhas

OS Apóstolos tinham alguma dificuldade em entenderem as parábolas de Jesus. Eram comparações cujo significado eles não decortinavam. Mas, em particular, Jesus revelava-lhes o sentido daquelas, pois, nas entrelinhas havia algo de didáctico que só Ele conhecia.

Hoje muitos também falam e escrevem, mas nas entrelinhas da sua prosa ou discurso existem, por vezes, intenções, objectivos nem sempre claros que não são dados a conhecer — erva viçosa, mas envenenada. A Igreja, a família, os jovens que andem atentos...

Muitos dos nossos doentes também nem sempre dizem o que vai nas entrelinhas do seu

viver. Por isso, leva tempo em entender alguns deles.

Uma das nossas muitas Marias anda frequentemente com ar triste e acabrunhado. Perguntando-lhe qual a razão desta tristeza, responde que é apenas uma dor de cabeça. Mas não. O drama da sua vida está na mente e entorpece-lhe o pensamento.

Sem pais desde nova, foi rejeitada pelos familiares. Esteve em casa de alguns deles, mas foi sacudida. Os tormentos a que foi sujeita levaram-na ao hospital para ser curada. E dali veio para nossa Casa. Nas entrelinhas desta vida há, pois, muita amargura e desilusão, que não se varrem com facilidade da mente. A Maria é afável e carinhosa com os outros e estes respondem

com compreensão e simpatia.

Mas ela guarda ciosamente na memória, sem queixumes, o seu passado e tem dificuldade em o eliminar. Comunicar seria a maneira de o fazer; mas não, mantém-se reservada. Não é só a dor de cabeça que a apoquentava. É o peso do muito que sofreu.

Aqui em Casa todos a aceitam e pretendem ajudar. E ela começa, entretanto, a sorrir. É o primeiro sinal de que está no caminho da libertação.

Mas há tantos que não encontram ajuda para lerem claramente as entrelinhas da vida!

O cristão, porém, sabe que o Senhor conhece os segredos do coração humano e, por isso, Ele lê melhor do que nós o que está no nosso íntimo. Para Ele nem sempre aquilo que nos parece mau o é; como igualmente nem sempre é bom o que muitos afirmam sê-lo. Clarividente era o salmista — *in lumine tuo videbimus lumen*.

Padre Baptista

Equívoco

VOLTAMOS, de novo, às bocas do mundo.

Uma rixa entre rapazes, na Casa do Gaiato de Lisboa, teve peso nacional.

Um diário, da Capital, dá-lhe título a toda a largura da primeira página!...

Estamos, na verdade, num mundo lindo!... Sábio!... Sensato!?...

Mas vamos ao que se passou, na Casa do Gaiato, no Tojal, onde me encontrava na altura.

A briga deu-se entre um rapaz e um chefe.

O dito rapaz tem-nos moído a paciência!... Já com 18 anos, feitos em Janeiro passado, frequenta o 6.º ano do ensino recorrente, dentro de portas, mas mesmo assim falta às aulas, recusa estudar e foge ao trabalho. Vive assim há seis meses, sem vermos jeito de melhorar, apesar da nossa contínua insistência.

Salta o muro, vai para dois cafés, um dos quais tem fama de ser alfândega de droga.

O chefe, como os rapazes mais velhos, sofre com esta situação, como se doem os irmãos uns dos outros.

Pai Américo deixou-nos, como herança, um forte desafio: — **A Casa do Gaiato contrai uma dívida com cada rapaz: fazer dele um homem.**

Nesse dia, o mais novo andou a servir o almoço, aproveitando para brincar aos beliscões com os companheiros, enquanto lhes punha a comida nas mesas. O Luís «Covas», que me substitui, advertiu-o, mas ele ainda gozou.

O chefe começou a ferver, como era natural. Acabando de servir, o rapaz sentou-se e armou logo zaragata com um comensal mais novo e mais pequeno.

O chefe levanta-se, vai junto dele, por três vezes e repreende-o. Na última, agarra-lhe o casaco pelo lado do pescoço e levanta-o. Ele começa a espermear e a gritar em altos berros. O chefe põe-no na rua, segura-o à porta do refeitório para ele não fugir, tenta sentá-lo no alpendre enquanto ele continua gritando e esperneando. Uma senhora, do Serviço Nacional de Estatística, que me esperava, vê o espectáculo, toma imediatamente partido pelo mais pequeno e vai para a Comunicação Social.

É o que se chama uma tempestade num copo de água!...

Nem uma arranhadura, hematoma, ferimento ou aleijão. Nada. Só barulho, o qual gerou, neste Portugal, **outro barulho**.

Se formos a responder, jamais darão um relevo à nossa refutação parecido ao que deram à calúnia!

Vivemos numa terrível ditadura onde tem mais razão quem mais pode berrar.

Conosco trabalha, há seis anos, como amiga e explicadora dos rapazes, uma menina que reagia assim à evolução dos noticiários:

«— Não deixa de ser curioso que a Casa do Gaiato seja acusada de promover exactamente aquilo que pretende combater: a violência. É uma questão delicada que pode levar facilmente a extremismos indesejáveis. A violência deve ser banida. Não pode haver outro ponto de partida, ou melhor, outro ponto de chegada, pois não é daí que partimos, é antes aí que ansiamos chegar.

Ensina-nos a experiência que algumas brigas são inerentes ao desenvolvimento dos rapazes, e até importantes para que aprendam a contenção. Aliás, a contenção dos rapazes pelos próprios rapazes, se bem contextualizada, não tem um

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — O canceroso tem recebido atenção muito especial dos nossos Leitores! Dos seis meses que devia ao proprietário da casa, deduziu 176 euros. Em nome do pobre homem, já entregámos ao dito senhor, da moradia, 880 euros. Não falamos de valores de medicamentos que precisa para aliviar as suas dores...

A propósito da farmácia dos nossos Pobres, no passado mês de Janeiro, pagámos 420 euros.

Dado que estamos a tratar de Doentes, de quem sofre, houve necessidade absoluta de dar a mão a outro, passivo de doença cancerosa também, mas no intestino. Para manter a sua vida, se Deus quiser, precisa de tubagem adequada (desconhecemos o nome do acessório), durante todo o tempo que viver. É certo que uma só caixa deste produto, com dedução oficial, vale 104 euros.

PARTILHA — Paços de Ferreira, 150 euros, da assinante 24801 «para o canceroso a vosso cargo». Esta senhora desce muito sobre a Miséria...! Outro cheque, da Régua, «para ajuda do pagamento da renda do canceroso». Mais um dito, da assinante 20617, da Capital. Oeiras, idem, da assinante 22093, «pela chamada de atenção ao canceroso». Mais outro dito, do assinante 25083, do Porto. Idem, da Póvoa de Varzim. Outro, ainda, de Coimbra, assinante 78708. E mais um, da assinante 14081, de Vila Nova de Famalicão. Do Porto, assinante 7769, com 250 euros «para serem distribuídos pelas casas do Património dos Pobres (temos mais uma em reparação!), ou para a farmácia».

Assinante 28708, de Coimbra (aqui nasceu, pela mão de Pai Américo, a Obra da Rua). De Massamá, 25 euros, de Filomena. Maria Leonilde, do Porto, 150 euros e um «bem-haja pelo vosso trabalho». Aveiro, assinante 53515, para «as vossas obras». O costume do assinante 53241, do Luso. Cinquenta euros, do assinante 34087, de Vila Nova de Gaia, «em memória de meus Pais». Setenta e três, da assinante 15715, de Oeiras. Por fim, um Júlio, do Amial (Porto), assinante 32960, com cem euros.

Em nome dos Pobres, muito obrigado. O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VISITA PASTORAL — O Senhor Bispo do Porto estará na paróquia de Paço de Sousa, entre os dias 11 e 19 de Fevereiro.

Dia 16, na Casa do Gaiato, presidirá à Oração do Terço e jantará com a comunidade.

No Domingo, dia 19, um grupo de gaiatos receberá o sacramento do Crisma, na igreja paroquial.

Repórter X

F. C. PORTO — Gostaríamos de agradecer a disponibilidade do F. C.

do Porto em nos oferecer bilhetes sempre que precisamos. Neste caso fomos ver o F. C. do Porto contra o Dínamo de Moscovo. Uma vitória esmagadora da equipa da casa por 4-1.

EXCURSÕES — Têm vindo alguns grupos de jovens partilharem os seus tempos livres para conhecer melhor a nossa Casa, aonde podem trocar alegrias e sorrisos com os nossos rapazes. Saibam que podem contar sempre com as nossas portas abertas.

Ricardo Cruz e Pereira

Pai Américo

*Haja o que houver
Aconteça o que acontecer
Esta nossa Casa, Pai Américo,
Vai continuar a vencer.*

*Haja o que houver
Aconteça o que acontecer
Querido Pai Américo
Ninguém te vai esquecer.*

*Esta data vai-te ajudar
A crescer ainda mais
E com a tua bênção
Não a esqueceremos jamais.*

*E agora para terminar
Obrigada Pai Américo
Por toda esta Obra
Mas mereces este mérito.*

Da tua «neta»: Rosário Santos

DESPORTO — O nosso Inter-Casas é uma maneira simpática de reunir a família, para demonstrar a todos aqueles que nos querem menos bem, que realmente vivemos unidos e não uns para cada lado.

Para se estar no desporto, é preciso ser-se capaz de aguentar as contradições dele e deles. É preciso saber dialogar e conciliar. Não basta marcar presença e... tem que ser assim.

No entanto, estamos convencidos de que os nossos Rapazes de Miranda do Corvo também irão ficar tristes, se o Inter não se fizer. Eles são como nós: gostam de conviver. Gostam de jogar à bola. Somos todos Gaiatos! E Gaiatos seremos até morrer.

Ainda estamos a tempo de deitar mãos à obra, se for essa a vontade de quem ficou incumbido de o organizar. Nunca é tarde, se houver boa-vontade de rectificar o que a todos parece (...) não estar correcto.

Os seniores receberam os juniores de Vila Pouca de Aguiar, da Associação de Vila Real, e onde vão todos refastelados no 4.º lugar da classificação. Rapazes bem preparados, com muito futebol nas pernas e habituados a um futebol prático e objectivo. No entanto, nada disto foi suficiente para que os nossos briosos Rapazes lhes batessem o pé, e ganhassem por 3-2, dando-se ao luxo de falhar um *penalty* e, em tarde menos feliz do nosso guarda-redes, lhe ter oferecido dois golos maiores que os capões de Freamunde.

Chegamos ao intervalo a perder por 1-2. Nesta altura, com um golo de livre que Rogério marcou. Ele é bom nos livres, — não te envejaças, porque só faz falta quem está! Ao intervalo, no balneário, com uma conversa amiga entre todos, e sem cera nos ouvidos, ouviram atentamente e na segunda metade, deram a volta ao resultado. Eu não queria estar a diferenciar ninguém, porque na realidade,

tudo funcionou como um bloco, mas, Abílio estava em todo o lado. Jogou quanto quis e onde quis; Agostinho, continua a marcar e a lutar pela redondinha, como quem luta pelo pão-nosso de cada dia. Que valentia! Uma equipa que não vira a cara a qualquer resultado negativo, até ao apito final do árbitro. Parabéns, Rapazes, pela vossa capacidade, pela vossa humildade, pela vossa força de vontade de honrar a nossa camisola.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

OFERTAS — O talho Franca&Fernandes, Lda., em Avelar, deixou, em nossa Casa, uma generosa oferta de sete cabras, já mortas, que nos serão bastante úteis para festejar o mártir S. Brás, padroeiro de Bujos, um mimo para a nossa mesa com uma deliciosa chanfana, uma vez que Miranda do Corvo é a capital desta especialidade.

MÁQUINAS — Estamos totalmente dependentes delas, e só damos conta disso quando nos fazem falta; assim foi o que aconteceu no nosso Lar de Coimbra. As duas máquinas, de lavar e de secar, tiveram problemas. A de lavar foi uma coisa mínima e o técnico tratou logo dela; agora, a de secar, teve de ir para a oficina para se encontrarem peças adequadas àquele modelo, pois não é recente.

E com este problema viu-se os montes de roupa a crescerem e as preocupações e trabalhos das senhoras a dobrar.

ANIMAIS — Até esta noite tínhamos uma porca prenha. Pois, foi nesta mesma noite que ela pariu, e eu tentei assistir, mas acho que o animal ficou intimidado com a minha presença. Quando me disseram que a porca estava a ter os filhos no curral, já tinham nascido dois. Fiquei por lá cerca de quarenta minutos e apenas se notava, no tremer da porca, a dor de ser «mãe». Tremia por tudo e tentava levantar-se, e os rapazes, sempre com cuidado especial pelas crias, acariciavam-na para se acalmar. Entretanto saí, e no espaço de dez minutos nasceram seis leitões, três de cada vez, na sua maioria parecidos com o «pai». Pena três terem nascido sem vida, mas são as leis da natureza. O acolhimento foi acompanhado pelos irmãos Pelen-ganas que, com um exemplo de ternura, perderam umas horas de sono para servir esta maravilha de trazer algo ao mundo.

Adriano

Santo Antão do Tojal

CARPINTARIA — Tem estado fechada a nossa carpintaria. O mestre adoeceu e não voltou. Desejamos ao senhor Casimiro as suas melhoras e que não desanime.

Temos novo carpinteiro que já começou, com o «Carocho», a fazer arranjos nas portas, nos armários e nas estantes dos rapazes.

É para nós muito importante ter a carpintaria a funcionar.

Alguns rapazes nossos fazem cursos de formação profissional, mas é na nossa oficina que desenvolvem e aperfeiçoam a sua competência.

Um carpinteiro tem muita procura no mercado de trabalho, mas só um competente.

OLIVAL — Preparamos o terreno para plantar, nesta Primavera, um olival, ou melhor, renovar uma parte do olival que, há anos, foi pasto de um incêndio.

Transplantamos as oliveiras mais saudáveis e mais robustas, endireitamos e lavramos o terreno e, agora, iremos abrir as covas, pôr estrume e adubo e, depois, plantar.

São cerca de trezentas árvores. Não estamos interessados só em produzir azeitona, mas também em criar um ambiente agradável e educativo. Esperamos que os rapazes colaborem e respeitem as árvores jovens.

EXPLICAÇÕES — Para ajudar os rapazes no estudo, temos duas senhoras de que eles gostam muito. São pessoas formadas e com muita prática de explicações. Nem sempre os rapazes entendem esta ajuda que a Casa e as senhoras lhes dão; por isso, às vezes, há queixas das senhoras e manifestação de desgosto, pois os estudantes não apreciam convenientemente o esforço feito em seu proveito. Há até quem falte à explicação ou julgue fazer um grande favor. É pena!

Carlos

Setúbal

SNOOKER — Estamos a realizar um torneio que tem quarenta participantes, repartidos por oito grupos. Os rapazes estão empenhados nos jogos, que decorrem bem e com *fair-play*. Até ao final vai haver muita emoção e luta pelo pódio.

PISCINA — Para descobriremos o lugar onde havia fuga de água na piscina, tivemos que demolir um murito debaixo da prancha. Descobriu-se que a piscina tinha uma fenda na parede. Agora, vamos isolar a fenda e levantar o muro novamente.

RAPAZES — Alguns dos nossos, que andavam à procura de trabalho, já conseguiram. O Jaime e o «Ouriço» estão a trabalhar na Secil. Outros ainda andam à procura. Esperamos que eles encontrem um trabalho fixo.

VACARIA — Morreu uma vaca com problemas de coração, que o veterinário veio examinar. Nasceram mais alguns bezerras, sendo machos a maior parte. Também temos uma vaca doente porque não se consegue levantar. Também estamos a ultrapassar a nossa quota de leite que precisamos fosse maior.

PLANTAÇÕES — Andámos a plantar algumas árvores de fruto junto às barracas dos bezerras. Plantámos seis limoeiros e vinte ameixoeiras, que nos foram oferecidas pelos Viveiros de Castromil. Agradecemos a estas pessoas amigas.

António Loureiro

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O vicentino é aquele que tem um coração ao dispor do seu semelhante e capacidade para ouvir com amor o seu próximo.

Nós vicentinos estamos nesta missão de alma e coração para nos darmos ao nosso irmão mais carenciado. Este é o nosso dever como filhos de Deus, o Senhor Pai não nos pede outra senão aquilo a que fomos chamados. O Pai, na hora, vai-nos pedir contas daquilo que não fizemos, mas deveríamos ter feito em benefício do próximo.

Os vicentinos têm a palavra, *tu amarás*, gravada no coração. Que bom seria se esta frase nunca viesse a ser apagada dos nossos corações pelo tempo, tempo esse para sermos sempre fiéis às palavras do Evangelho, porque não há maior mandamento e mais fácil de cumprir do que o tu amarás.

Mas, às vezes, as frases mais simples são as primeiras a serem abandonadas pelo homem.

Na minha visita, tenho dado conta no meu irmão mais carenciado, o quanto ele está ansioso por me ouvir, e grato que o ouçam. Como é gratificante podermos ser úteis com tanta felicidade, saber escutar aquelas palavras simples, com que eles nos brindam na visita que efectuamos. Como ficam felizes por ter alguém que os escute com amor e carinho. Para eles, as nossas visitas não contam como estatísticas, lamentam estarem abandonados, mas nós, vicentinos, afirmamos que não é assim, que eles são seres humanos, respeitáveis, mesmo sendo Pobres, como nosso Senhor, nosso Pai, também ouvia os Pobres com amor.

Os vicentinos não fazem caridade só por levarem um donativo, mas estamos atentos às suas queixas e lamentações e darmos um abraço de coração aberto, este é o nosso dever de vicentinos. Para os vicentinos não existe amor de primeira e amor de segunda, só existe a palavra «amarás o teu próximo como a ti mesmo».

Que bom seria se o ser humano amasse o seu próximo, seguindo as Leis do Evangelho, onde não existe ódio, mas sim amor. São estes alguns dos deveres para que existam vicentinos, tudo o que contribui para este fim, seja levado com a Palavra do Evangelho, serão sempre bem aceites pelo nosso próximo.

A cordialidade que reina entre os vicentinos é fruto da amizade entre os seus membros, que se conhecem e respeitam.

As Conferências têm o dever de se interessar pelo trabalho dos seus membros porque andam todos no mesmo barco, onde o chefe do leme é a Palavra do Pai.

Os vicentinos, nas suas Conferências, devem ser uma família onde os seus membros se visitam no dever de trabalharem em prol do irmão mais carenciado.

Esta estreita colaboração entre o vicentino e o Pobre é o caminho certo do amor ao próximo e da Palavra de Deus.

O QUE NÓS RECEBEMOS — Amiga, do Douro, «tudo o que se faz por amor, faz-se sempre para além do

Equívocos

Continuação da página 1

carácter tão punitivo como a contenção dos rapazes pelo adulto. Não estamos dispostos a substituir este mecanismo de contenção física, de forças que se equilibram (sempre sob o olhar paternal do adulto) por outros mecanismos de contenção, sejam estes psicológicos ou de isolamento (recurso a calmantes e quartos de segurança), como se faz noutras instituições, nomeadamente Estatais, que trabalham com o mesmo tipo de população e assim evitam/reprimem o conflito e a violência física, mas deixam marcas tão mais profundas e incapacitantes. Porque detestamos a violência e amamos os rapazes, só podemos fazer esta escolha, mantendo uma atenção constante fora de

nós, mas, principalmente, dentro de nós.»

Pai Américo acrescentaria: «Não vamos à rua buscar os perdidos para fazer deles uns oprimidos. Vamos, sim, tirá-los da falsa liberdade de fazerem o que lhes apetece e substituí-la pelo poder de cada um se determinar por si mesmo na escolha do bem ou do mal, a verdadeira liberdade. Não queremos a triste instituição do autómato, mas sim a racional e alegre aldeia do autónomo.»

Em nome dos pobres e das crianças desprotegidas, ataca-se quem os defende e por eles dá a vida!

Adjectivam-se de fixistas, ultrapassados, teimosos e estúpidos, mas ninguém, por vida semelhante, procura perceber as razões da sua doação.

Olham de fora, do seu cantinho aconchegado!...

Ninguém se aguenta nesta vida sem razões radicais. Não trabalhamos por carolice, muito menos por salário, mas iluminados pelo Espírito.

A nossa paga é o nosso serviço e a Palavra do Mestre.

Dizem os estudiosos que a violência juvenil surge da ausência de pais, do excesso de ócio, da cultura permissiva e dos habituais mecanismos de afirmação entre os jovens.

Ontem à tarde, fui até ao campo, para retemperar o espírito e me animar com a natureza. Pus-me a contemplar o magnífico rebanho com 29 cordeirinhos mais as suas mães. É um espectáculo delicioso ver as ovelhas a pastar e algumas a dar mama, ao mesmo tempo às suas crias.

O sol aquecia e consolava, após estas noites e manhãs muito frias batendo de chapa nos animais.

Ao longe, a mais de duzentos metros, apareceu o Mateus. Não sei como alguma ovelha o viu. De repente, todas levantaram a cabeça, pararam de comer e apontaram os seus olhos para ele, seduzidas!

O Mateus, em passo vagaroso, acompanhava-se do cão, seu ajudante na conduta do rebanho. Andou aquela distância até chegar ao campo vedado da pasta-

gem e as ovelhas estacadas de olhar fixo nele!...

Que quadro admirável...

Percebi então mais profundamente o alcance da Palavra de Jesus na parábola do Bom Pastor: «E as minhas ovelhas conhecem-me a Mim!...»

Desta, e de muitas maneiras semelhantes, combatemos a violência nas Casas do Gaiato, com o trabalho, contacto com a natureza, o sentido de responsabilidade, os Retiros, a Palavra de Deus e a Oração.

Padre Acilio

Recordando...

Continuação da página 1

Por isso, a institucionalização a que o obrigou a primeira Casa do Gaiato, foi o passo de tomar a sua cruz. Ainda assim, as dores de que, às vezes, lhe saía um ai!, eram dores íntimas, que nem são de dizer. Dores de dentro, do próprio seio familiar, explicadas pela natureza específica da Família que fundou. Os pais autênticos (que não apenas progenitores) sabem-no bem pela própria experiência. Que, de fora, nunca ninguém o impediu de dizer (e ficou escrito!) o que pensava nem de agir conforme a sua inspiração! De falta de liberdade nunca ele se queixou. Outros tempos: Havia respeito e sempre foi respeitado.

Agora é o momento da terceira estação da via crucis: «Jesus cai a primeira vez». Quer dizer que ao longo da Sua via caiu mais vezes: foram mais duas.

Se assim foi com o Mestre, que têm os discípulos que os surpreenda?!

Padre Carlos

bem e do mal», cheque de 75 euros; assinante 7769, o seu donativo; assinante 6313, chegou o seu donativo; anónima, de Lourosa, 150 euros; Amiga, de Fiães, «amar, conviver e partilhar é como uma viagem sem fim»; Maria Angelina, 50 euros; Judite, 30 euros, e roupa; assinante, 75 euros; Manuel Ferreira, 10 euros; A. M. Amador, 20 euros; assinante 22890, 50 euros; assinante 47518, idem; vale de 25 euros, Joaquim Silva; Beatriz Sousa, 100 euros; Teresa Fonseca, idem; Alice Gonçalves, 10 euros; Francelina Lemos, com a sua oferta; Isolina, um cheque; assinante 16696, bem-haja pelo donativo enviado; assinante 34788, o nosso agradecimento; anónimo, 60 euros; vale de 10 euros; assinante 7769, outro donativo.

A todos os nossos Amigos desejamos um bom ano, cheio de Paz, Amor e que o Senhor vos conduza sempre no bom caminho.

Conferência de S. Francisco de Assis,
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto.

Casal vicentino

Cartas

Repúdio

«Para pagamento da assinatura do 'Famoso' junto cheque. O remanescente do valor da assinatura deve ser aplicado como entenderem. Quem está dentro é quem melhor conhece as necessidades mais prementes.

Não quero terminar sem expressar o meu repúdio à campanha desencadeada pelos burocratas intelectuais e sentimentalmente míopes e de que alguma comunicação social (sabe-se lá com que fins) foi passando para a Nação.

Os casos, infelizmente chegados ao conhecimento da opinião pública e que até conseguiram que o Governo se mexesse, ilustram bem a incompetência daquela mole de burocratas.

Assinante 17371».

Gosto de apreciar a vossa pedagogia

«Dou graças a Deus pela Obra que orientam e pela coragem que têm tido para enfrentar as dificuldades que têm surgido.

Gosto de apreciar a vossa Pedagogia na educação e ocupação das crianças, pondo-as a tomar parte activa nas tarefas da Casa e assim as vão preparando para a vida! Quanto precisam aprender com elas as nossas crianças de hoje!

Que Deus continue a fortalecer a vossa coragem e determinação para serem fiéis à missão tão bela que Ele vos confiou!

Assinante 72332»..

Estupidez dos «iluminados»

«Remeto uma pequena ajuda para as vossas necessidades, que sabemos serem muitas, pedindo desculpa pelo meu desleixo, pois há muito que vou prolestando o seu envio, já que frequentemente vos vamos lembrando e apreciando a vossa tremenda luta para aguentar e vencer a estupidez dos 'iluminados' contra o trabalho infantil, e não só.

Que Deus continue a iluminar-vos, dando força e paciência para continuarem.

Assinante 16828».

Não desanimeis

«Trinta euros para auxílio a quem mais necessitar. Deixo ao vosso critério.

Os meus cumprimentos felicitando-os pela vossa Obra tão meritória e que por vezes é tão mal compreendida. Não desanimeis. Deus está convosco.

Assinante 32121».

DOCTRINA



Dizem que a lepra faz perder a sensibilidade. Nós andamos «leprosos»!

O fosse a fingir, ou porque de facto ignorava, era uma vez um homem entendido na Lei de Moisés que quis saber do Mestre quem era e como havia de ser amado o Próximo. Eu tenho que a ignorância do doutor da lei, fingida ou séria, foi assim designada para dar ensejo a uma lição. Lição pública e universal, a que ninguém se furta de ser um dia chamado, porque é do Mestre. Ei-la: «Um homem ia p'rá feira e no caminho é espoliado por outro homem que o deixou no chão a sangrar. Logo atrás passam outros e não fazem caso. Outros, fazem na mesma. Mas há um, também feirante, que ia montado no seu jumento. Desmonta-se. Toma o caído nos braços. Estanca o sangue das feridas. Cuida dele. Ama.»

EIS a definição exacta de quem é o nosso Próximo e da forma de o amar. «Faze tu assim — disse o Mestre ao mestrezinho — e viverás.» Dos que passaram sem se aproximar do caído, ninguém sabe a sorte. O Mestre calou-se; não falou deles. Mas sabe-se, sim, a sorte de quem ama. «Vive.» Di-lo o Mestre. Ora aqui é que está.

FOI justamente tocado por esta ânsia de viver, que eu tomei o rápido em S. Bento e fui à Capital informar-me das possibilidades de instalar, em o nosso futuro hospital, os aparelhos indispensáveis à cura das feridas de um mundo caído no chão. Quando chegou a maré de falar nos contos, que é sempre um transe muito doloroso para aqueles que os guardam, levantei a minha voz de pedinte a dizer que não há dinheiro no mundo que pague um português sadio, quanto mais o pobre dinheiro de Portugal! São de tal sorte delicadas as feridas destas crianças, que não podemos ficar em panos quentes. Queremos estancar desde já o sangue. Queremos os recursos imediatos de uma ciência que procure salvar. O amor do Próximo não sofre cicatrizes. Ora precisamente por isso, é que a vida de hoje o é. Andamos todos embriagados. Ninguém atina com o mal que nos atormenta. Há o deslumbre da própria falência; a falência da vida social. Não é que o mundo não disponha de recursos para acudir prontamente e adequadamente aos espoliados; é que não quer aproveitar a Lição do Mestre. Não sabe quem é o Próximo e, com medo de vir a saber, nem sequer pergunta.

DE uma vez, topei um Doente no caminho e fi-lo conduzir ao hospital mais próximo.

— Aqui, diz o enfermeiro.

— Aqui, onde?

— Nesta cama.

— Mas está ocupada.

— Ah, não faz mal. Está quase tudo a dois: veja. Estamos afeitos a isto!

D. Amén. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)



Preparam-se para a vida futura.

Benguela

Ando aflito

ESTOU sentado à secretária com o meu coração a tremer, diante das necessidades que pedem resposta urgente. São os telhados, as portas e janelas das casas que desabaram nos bairros vizinhos. É o sangue necessário para salvar as vidas dos filhos. É preciso cortar o caminho da penitenciária àqueles que não têm emprego e batem à nossa porta com a esperança da salvação. E outras mais. Podemos dizer que já chegamos. Mas não. Queremos ser vida do peregrino, como o nómada no deserto, sempre à procura doutra meta. Não pode haver quietude, enquanto o clamor de vítimas inocentes chegar aos nossos ouvidos. Quero levá-las em minhas mãos e beijá-las como a porção mais rica da herança que nos toca.

Hoje, de manhã, levei na carrinha, ao colo outros filhos que me acompanhavam, três pequeninos encantadores. Iam para o infantário. Não encontraram lá a Irmã Albina, verdadeira apaixonada pela sorte destas crianças, porque está doente. Que o Pai do Céu a anime e os remédios a curem, o mais depressa possível, para gastar a sua vida sempre ao serviço dos mais pequeninos. A Irmã Rosalina leva o mesmo coração e a mesma paixão. Por isso, e só por isso, a vida não pára. Quem me dera participasse generosamente nesta sublime missão! Se não puderes, não saias de casa, nem da tua terra, nem de junto dos teus. Manda-nos, sim, um bocadinho do teu coração, da tua vida.

A propósito, ao contemplar o rosto destes anjos incarnados, tão bonitos, pelo menos, como o rosto dos teus filhos, se os tiveres, ia dizendo comigo mesmo: «Como seria possível vê-los assim, se não

houvesse quem os amasse tanto, tanto que a vida se desgasta até se consumir em holocausto?» A vida só tem valor na medida em que é gasta a servir, para que outros tenham vida. É a linguagem do Mestre. Ele sabe por experiência própria. E, por isso, fala com autoridade, para que acredites e faças tu também.

Saí, há momentos, da reunião dos chefes. Refiro-me aos chefes da nossa comunidade. Eles são um dos suportes humanos da nossa esperança. Se não fossem eles, como seria possível manter de pé esta Casa de família? Quem dá continuidade à comunhão fraterna dentro da comunidade? São eles. Como irmãos mais velhos, junto dos outros, fazem a unidade familiar. Gente estranha dificilmente entende este modo de ser e agir. Por isso, Pai Américo, com a intuição que não vem da carne, nem do sangue, mas do Pai que invade o coração do homem, foi original e, por isso, uma palavra nova. Entendeu que a Casa do Gaiato seria tanto mais casa de família quanto mais fosse dos filhos e dos pais e mães que os assumissem, em regime de exclusividade e só por amor. À semelhança do que acontece com os filhos e os pais que o são pelos laços do sangue.

A palavra-chave da nossa reunião dos chefes foi a palavra **serviço**. Quanto mais servo for dos seus irmãos, melhor se prepara para a vida futura que será, normalmente, a vida de pai de família. Que extraordinário seria se os pais e filhos se dessem as mãos nesta linha superior de **servir**. Lembro-me, como se fosse hoje, das palavras que um dos rapazes, agora com 50 anos, me dizia, a propósito da educação dos seus filhos, referindo que muitos dos apoios recebeu-os na Casa do Gaiato. Ele foi o chefe maior da comunidade, num dos períodos mais difíceis da vida desta Casa.

Com muita esperança e muita confiança vamos continuar a subir pela estrada única que nos leva à meta da vida. Obrigado!

Padre Manuel António

Setúbal

Estatização

VIVEMOS tempos em que se pôs em prática uma completa estatização no que diz respeito à protecção e ajuda à criança desvalida.

A iniciativa particular está (quase) totalmente dependente do beneplácito estatal, de tal modo que ninguém, hoje, mete mãos a uma obra para acolher estas crianças, sem pensar, em primeiro lugar, nas exigências e nos subsídios que o Estado regula e atribui.

Com este pensamento, institui-se a mentalidade de que é da competência do Estado a resolução destes problemas sociais. Assim, caridade é palavra sepultada que já não chama à responsabilidade, muito menos pela criança abandonada que mora ali ao lado. Sem a intervenção da Segurança Social, já ninguém mexe uma palha para resolver o problema de uma criança a necessitar de ajuda.

O Estado, com as suas instituições, sente-se muito bem assim e tudo faz para impedir que quem tenha a ousadia de agir com o pensamento centrado em primeiro lugar nos interesses da criança, seja desacreditado e, se possível, aniquilado.

Mas a caridade nunca morrerá. Se neste contexto anda abafada, e não é agulhão que faça mover as consciências, há que fazer uma retrospectiva da história e perceber que o Estado nunca foi capaz de resolver, por si só, os problemas sociais. A acção dos particulares, em especial dos homens e mulheres de Fé, foi sempre a mais capaz de os remediar.

É por isso que os particulares, em especial os que movem a sua vida pela Fé, conscientes de que não se podem salvar, se não derem a mão a quem precisa dela, deixem que a caridade ressuscite e dê frutos. Porque se a mentalidade reinante não fala assim, quando a ressurreição acontece, a vida se renova e o velho se faz novo.

Padre Júlio

PENSAMENTO

A Caridade não acaba. Deus é Caridade. Não acaba. Recupera o que a chamada civilização perde. É a revelação de Cristo!

PAI AMÉRICO

não foram nada baratos, doze dólares, a pretexto de auxiliar órfãos da sida.

Não é fácil os adolescentes e jovens, balançados nestes ambientes, terem o ritmo biológico do crescimento e do amadurecimento despoluído, para se darem conta do tempo que passa e não volta. Claro que falo como velho. E, por isso, os nossos rapazes, durante as férias, tiveram um lazer mais prolongado, alguns consolidaram o seu namoro, ou partiram para outras conquistas, estiveram na praia, mas não deixaram de ouvir um apelo, quase diário, à necessidade de se mentalizarem para um novo ano, que como os outros vai sendo cada vez mais exigente, não só para consolidação do alicerce que está feito, mas também porque, à frente, outras exigências maiores se apresentam. Sirva de exemplo o Moisés que concorreu ao Centro de Formação de Professores, com média no exame de 14,6 e foi rejeitado, porque houve outros com melhor nota. O Pascoal também fez exame de admissão, igual para Medicina e Veterinária, com dezasseis mil concorrentes para duzentas vagas. Igual sorte terão o Telmo e o Edison no mesmo ramo.

Em Casa outros problemas surgiram. Com a Escolinha a funcionar, o número de alunos externos alargou para completar vagas nas turmas. Para os que completaram a décima, dadas as opções de

cada um, apenas cinco partem para Cursos Profissionais de nível secundário. Sairão de Casa no início da tarde e regressarão depois das onze. Para os que querem o ensino geral, depois de analisar bem as hipóteses possíveis de uma Escola segura, chegamos à conclusão que a melhor garantia era estabelecer aqui, em Casa, a décima primeira. Com os professores licenciados que já temos, haverá então uma turma de vinte.

Mas onde a procura superou a expectativa e não temos mesmo condições de atender também, é na Escola que funciona das quatro às oito da noite na Massaca. O ano passado eram quinhentos e tantos e o aproveitamento foi de 73%. Este ano inscreveram-se a passar de oitocentos e cerca de metade ficarão de fora. Estamos a construir uma Escola com oito salas, a funcionar lá para o meio do ano, mas nunca para tantos...

Das Creches só tenho notícia de Manhane que duplicou a demanda. Há no programa deste ano mais duas salas, que nem dão para acolher metade dos novos. Noutra crónica, falarei de como estão as Aldeias. Em Changalane, com a seca, nem um grão de girassol se pôde semear. O Povo tem fome. Mas festa com bebida e dança não falta. Há quinhentos anos talvez vivessem melhor. Deus me ajude a fazer esforço para não compreender.

Padre José Maria

Moçambique

O primeiro dia de aulas

CHEGOU o primeiro dia de aulas deste ano de 2006. Ontem, Domingo, a nossa Eucaristia marcou o início do novo ano escolar. É necessário, individualmente, saber medir as forças e dar-se conta do quanto a vontade é fraca. Deus está sempre no Seu lugar, para compreender e per-

doar, para abrir a Sua porta e estender a mão e segurar nela o mais vacilante. E como Ele faz falta. Hoje, e neste ambiente tropical, o que faz eufóricos os jovens é a música frenética, os ambientes em que é apresentada nos clubes nocturnos, que até fazem reclames de página inteira nos jornais. São os *video-clips*,

parece-me que se diz assim, a apresentação despida de todo o pudor de dançarinas para condimentar melodias sem valor, com ritmos debochados. Nunca pensei que em Moçambique se enchesse o Estádio da Machava, com mais de quarenta mil jovens, para ouvir grupos locais e uma banda vinda de Inglaterra. E os bilhetes